

Homem, religião e natureza: o projeto da filosofia do futuro em Ludwig Feuerbach

Man, religion and nature: Ludwig Feuerbach's future philosophy Project

Luís Guilherme Stender Machado¹

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo investigar a noção de “homem” que transpassa grande parte da bibliografia do filósofo alemão Ludwig Feuerbach (1804-1872). O autor encontrará o cerne principal de seu problema na religião, mais precisamente na doutrina religiosa (ou teologia). Para Feuerbach, o homem cria um novo ser semelhante a si – Deus – e a teologia inverte os papéis, tornando deus um ser externo e oposto à humanidade, trazendo como consequência a negação da essência humana. Podemos notar que uma das maiores preocupações de Feuerbach é o de promover um “resgate” do homem – que tem sua essência negada pela doutrina teológico-religiosa. Apesar de não ser um autor sistemático podemos notar em seus escritos que o materialista Feuerbach planeja que o homem do futuro encontre na filosofia formas de viver em consonância consigo mesmo e com a natureza. Para tanto, deve-se ter consciência do funcionamento da religião. Feuerbach assume que a noção de religião é tão antiga quanto os primeiros homens e que, de certa forma, é inata a nós, porém a falta de consciência de si faz com que o homem se rebaixe e a religião inverta o papel homem-deus. Portanto, é função da filosofia do futuro dissolver a religião para afirmar o homem.

Palavras-chave: Homem. Teologia. Religião. Natureza.

Abstract: The present study has the objective to investigate the notion of “man” that run through much of the bibliography of the German philosopher Ludwig Feuerbach (1804-1872). The author will find the main crux of his problem on the religion, more precisely on the religious doctrine (or theology). For Feuerbach, the man creates a new being like himself – God – and the theology reverses the roles, making God an external and opposed to humanity, consequently bringing the denial of human essence. We note that the major concern of Feuerbach is to promote a rescue for the man – who has his own essence denied for the theological-religious doctrine. Although not a systematic author, we can note in his writings that the materialist Feuerbach plans that the man of the future find ways in the philosophy of living in harmony with himself and with the nature. To do so, we must be aware of the functioning of religion. Feuerbach assumes that the concept of religion is as old as the first humans and that, somehow, is innate to us, however the lack of self-awareness makes men bow down and the religion reverses the role man-god. Therefore, it is a function of the future’s philosophy dissolves religion to affirm the mankind.

Keywords: Man. Theology. Religion. Nature.

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Bolsista do PET Filosofia da UFC. Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas. E-mail: lg.01@hotmail.com

A religião como autoafirmação do gênero humano

A maior parte, senão todas as civilizações que temos conhecimento possuem um traço em comum: a religião². Desde as comunidades mais primitivas até as sociedades mais desenvolvidas, todas tinham religião, (e até hoje as nações e regiões se fundam em princípios religiosos, mesmo que minimamente) sejam elas cultos e divinizações dos elementos da natureza ou religiões organizadas com deuses complexos e antropomorfizados.

O que se nota a partir de achados históricos é que povos e comunidades distantes partilham essa característica; encontramos religião na Europa, na África, no Oriente Médio, na Ásia, na América, etc. Diante disso, pode-se perguntar: por que o homem cria religiões?

Segundo o filósofo alemão Ludwig Feuerbach (1804-1872), os homens realizam suas primeiras buscas às respostas pelo desconhecido no além, para depois serem entendidas no aquém. A religião é a primeira forma de entendimento que o homem tem de si e do mundo. “Por isso em toda a parte a religião precede a filosofia, tanto na história da humanidade quanto na história do indivíduo”.³ Desse modo, o sentimento particular e subjetivo da religião é uma forma de entendermos o mundo em que vivemos e aplacar o medo do que não conhecemos ainda. Os primeiros homens não conseguiam entender e nem explicar os fenômenos naturais, era como se fossem forças superiores que agiam arbitrariamente, por isso passaram a deificar a natureza com vistas a controlá-la a partir de seus cultos⁴. Dessa maneira, temos a primeira forma de religião: a religião da natureza.

Os povos mais rudes, por exemplo, na África, na Ásia do Norte e na América temem [...] os rios especialmente nos lugares em que formam redemoinhos perigosos ou quedas. Ao passarem por tais lugares pedem perdão ou batem-se no peito ou oferecem sacrifício à divindade irada. (FEUERBACH, 2009a, p.39).

² De acordo com os pensamentos de Feuerbach, entendemos aqui por religião, toda e qualquer manifestação de culto à seres que escapam do natural, seja a própria natureza deificada como no caso do panteísmo e das religiões naturais; ou seres antropomórficos universalizados como no caso, por exemplo do cristianismo. A religião entendida aqui é como um primeiro estágio do que vem a ser uma religião organizada com doutrinas elaboradas.

³ FEUERBACH, Ludwig. A essência do cristianismo, 1ª ed., vozes, 2009¹, p. 45.

⁴ É verdade que o próprio Cristianismo pratica culto à divindades (como os santos católicos) para ajudar nas questões naturais (por exemplo, São José que tem um dia no calendário dedicado a seu culto com pedidos para que ele “faça chover”).

Aqui vemos um culto especial aos fenômenos negativos e nocivos por parte da natureza: tais cultos mostram o sentimento de medo diante do desconhecido, diante do que não se consegue explicar ou dominar.

Feuerbach também aborda outro sentimento primitivo que funciona para explicar a necessidade do homem religioso diante do que não consegue explicar, em um primeiro momento, por vias naturais. Em verdade esse sentimento é, de certa forma, uma consequência do medo que é a “gratidão”. Toda vez que um religioso (tanto nas religiões primitivas quanto nas mais atuais) alcança seu objetivo, fica grato e faz oferenda aos deuses que cultua, dessa forma atribuem o sucesso de uma colheita bem-sucedida ou a passagem tranquila por um rio caudaloso à sua “boa relação” com os deuses.

O que podemos observar até aqui é que o sentimento religioso, no fundo, nos revela uma característica essencial: a dependência. Dependemos da natureza para existir, ela é o único ser capaz de dar, manter e nos tirar a vida⁵. Somos dependentes pelo fato de sermos finitos, seres de carências e necessidades. A dependência e, por conseguinte, a finitude são as maiores causas para que o homem crie religiões.

Sentimento de dependência ou finitude são então o mesmo sentimento. Mas o sentimento de finitude mais delicado, mais doloroso para o homem, é o sentimento ou a consciência de que ele um dia acaba, de que ele morre. Se o homem não morresse, se vivesse eternamente, não existiria religião. [...] somente o túmulo do homem é o berço dos deuses” (FEUERBACH, 2009a, p.46-47).

Portanto, segundo Feuerbach, as religiões existem à medida que são úteis ao homem e ao seu contexto. Os sentimentos de dependência, medo e gratidão demonstram que o homem cria e cultua deuses ou elementos da natureza a partir do momento em que esses possam lhe oferecer algum tipo de vantagem. Por exemplo, os egípcios cultuavam o rio Nilo para que tivessem uma boa colheita; os gregos prestavam homenagens à Apolo (deus da guerra) para ganharem as batalhas, Atenas para que lhes desse sabedoria, etc.

A maior parte dos deuses servem para beneficiar ou amaldiçoar a humanidade, dependendo de como são tratados. Esses benefícios ou malefícios estão voltados para a

⁵ Como foi visto até agora, as primeiras religiões eram as religiões naturais que mostravam (através de cultos, adorações e divinizações da natureza) o quanto o homem é dependente da natureza.

sociedade ou comunidade em que estão inseridos. Por exemplo, não há sentido para os gregos antigos cultuarem o rio Nilo, ou um deus que dará ouro para os Incas, pois não há interesse na existência de deuses descontextualizados. Melhor dizendo: os deuses servem para os propósitos e para as demandas locais de onde estão inseridos e quanto mais complexas vão ficando as sociedades mais complexas são suas religiões. Para os gregos antigos não bastavam mais religiões naturais primitivas porque eles tinham demandas maiores e mais complexas como a guerra, a política, a *polis* e a educação. Portanto:

a história da religião ou, o que dá na mesma, de Deus (porque quão diversas as religiões tão diversos os deuses, e as religiões tão diversas como são os homens) nada mais é do que a história do homem. Para ilustrar e esclarecer [...] com um exemplo [...], assim como o deus grego, romano, em suma, o deus pagão é, como nossos próprios teólogos e filósofos admitem, apenas objeto da religião pagã, um ser que possui existência somente na crença e imaginação de um pagão, mas não de um homem ou povo cristão. [...]; da mesma forma é também o deus cristão apenas um objeto da religião cristã [...]. A diferença entre o deus pagão e o cristão é apenas a diferença entre o homem ou o povo pagão e o cristão. (FEUERBACH, 2009a, p.29-30).

A grande contribuição do cristianismo, que é o objeto específico desse estudo, foi a universalização da religião. A religião pagã, por exemplo, estava voltada para as nações pagãs; os diversos deuses eram relevantes apenas para os povos que os cultuavam, por isso, acreditava-se que os deuses voltavam-se apenas para determinadas comunidades. Os deuses pagãos eram seres diversos que supriam a diversidade do seu povo, diferente do deus cristão que não vê diferenças nas nações e nem na humanidade, é mais universal. Em suma: os deuses pagãos eram deuses mais nacionais, mais específicos; enquanto o deus cristão é um deus que abstrai as diferenças e por isso é um deus universal, que atende ao gênero humano⁶.

É significativo ainda, para se depreender a diferença entre o Cristianismo (monoteísmo) e o paganismo (politeísmo), a relação entre a espécie (o individual) e o gênero (o universal) [...]: o Deus pagão é um deus “patriota”, “nacionalista”, “limitado”, porque o pagão não ultrapassa os limites de sua nacionalidade: o deus cristão é, ao contrário, “cosmopolita”, “universal”, “infinito”, porque ele não está limitado a uma determinada nação. [...] no paganismo, o homem faz da essência de sua espécie uma essência absoluta, ou seja, ele não

⁶ “Gênero humano” aqui, se refere à totalidade da humanidade, sem diferenças étnicas ou culturais. Diferente de “espécie” humana que está ligada às próprias especificidades das diversas culturas e nacionalidade dos homens.

se eleva sobre sua espécie que se encontra no âmbito da pluralidade, razão pela qual há aqui muitos deles; no cristianismo, ele se eleva para o gênero, [...] as diferenças das espécies foram aqui suprimidas. (CHAGAS, 2004, p.86).

Apesar de possuírem características diferentes, podemos notar até aqui que as religiões são um reflexo dos sentimentos humanos. Mesmo as religiões mais naturais, a natureza é interpretada como algo que demonstra sentimentos como fúria, ira, mansidão, tranquilidade, etc. Ao notarmos esse caráter da religião, percebemos que o homem identifica sua criação consigo mesmo e promove uma relação de semelhança com o objeto religioso.

A partir disso tudo, podemos afirmar que a religião é uma criação humana voltada à própria humanidade, pois o que está por trás da religião são os benefícios que esta pode trazer ao crente; por isso estudar os deuses é o mesmo que estudar o homem, nas palavras de Feuerbach “teologia é antropologia”⁷. Ainda segundo o autor, somos os únicos que podemos ter religião, pois somos os únicos que conseguimos ser “eu e tu” ao mesmo tempo, os únicos que conseguimos nos colocar no lugar do outro, portanto os únicos que possuem noção de “gênero”, de humanidade. Isso se dá por conta de uma “trindade” que é exclusiva à essência humana e é perfeita e ilimitadas no gênero humano, são elas a razão, a vontade e a sensibilidade.

A força do pensamento é a luz do conhecimento, a força da vontade é a energia do caráter, a força do coração o amor. Razão, amor e vontade são perfeições, são os mais altos poderes, são a essência absoluta do homem enquanto homem e a finalidade de sua existência. O homem existe para conhecer, para amar e para querer. (FEUERBACH, 2009b, p.36).

Razão, vontade e sensibilidade são partes fundamentais da nossa essência e mostram a consciência do nosso gênero e da nossa infinitude real. Porém essa consciência do infinito se deslocará para um ser sobre-humano que toma nossas características e as torna infinitas, ilimitadas e universais, a esse novo ser damos o nome de Deus.⁸

Nesse sentido, o termo “religião”, que deriva da palavra latina “*religare*” (religar), ganha um novo significado. *Religare* – no sentido teológico-cristão – significa que a religião é o caminho para religar o homem ao divino; no sentido abordado aqui,

⁷ FEUERBACH, L. *A essência do cristianismo*. 1ª ed., vozes, 2009b, p. 29.

⁸ As características citadas se aplicam de melhor forma ao Deus cristão, objeto desse estudo.

religião significa religar o homem a si mesmo, o autoconhecimento humano, onde o homem faz um movimento de sair de si, se reconhecer em outro ser, se identificar nesse ser e voltar a si mesmo.

Feuerbach considera que as religiões personalistas, como a cristã, possuem lados positivos e negativos. Positivamente, ela faz com que o homem se compreenda melhor. Quando o homem religioso se identifica com seu deus, ele na verdade está se identificando – e de certa forma – compreendendo a si próprio e a partir desse conhecimento consegue identificar suas virtudes, capacidades e potencialidades.

Jesus é para o cristianismo a figura humana mais perfeita, mais próxima de deus. A figura de Cristo é o exemplo de humanidade almejada pelo cristão. Sendo Jesus o exemplo de bondade, justiça, amor, moral, etc. é dever do cristão se espelhar e buscar ser o melhor possível, o mais próximo possível desse ideal. Nesse ponto há positividade na religião cristã, a partir do momento em que ela liga o homem à sua própria sensibilidade (através do amor ao seu deus, amor ao próximo) e lhe dá noções de ética e justiça.⁹

Portanto, de acordo com Feuerbach, temos o dever de reconhecer a positividade da religião, ela permite que o homem se compreenda e se conecte à sua sensibilidade. Nesse sentido a religião serve para a autoafirmação do gênero humano, mesmo que em outro ser (não-humano). Dessa forma, notamos o quão válida é a religião nesse sentido, desde que o homem saiba reconhecer os limites e sua independência para com esta.

A religião como subversão da essência humana

Quando a religião passa a se tornar mais complexa, quando extrapola o seu sentido original de religar o homem à si mesmo e se transforma em doutrina (teologia), começaremos a perceber mais claramente os problemas das religiões. Aqui ela deixa de ser uma “proteção” às limitações humanas, deixa de ser um modo do homem conhecer o mundo e, ao mesmo tempo, conhecer a si mesmo e se transforma em uma máquina aglutinadora de crenças, dogmas e princípios que pressupõem a construção de verdades universais e indubitáveis; aqui ela deixa de ser “religião” e passa a ser “teologia”.

⁹ Pois, segundo Feuerbach, quando o homem cria deus à sua imagem e semelhança está recriando a si mesmo e fazendo um modelo de si mesmo sem imperfeições e limitações. Quando eu reconheço o amor divino, no fundo, estou reconhecendo a minha própria sensibilidade; quando eu reconheço a razão divina, estou reconhecendo a minha própria razão.

No caso da religião cristã, temos um deus totalmente em ato¹⁰, onipresente, onipotente e onisciente. Infinito, imortal e ilimitado. Um deus *persona* que tem o poder de criar todas as coisas, inclusive o homem, produzido à sua “imagem e semelhança”. Nesse caso, temos um deus ativo e criador que doa sua imagem e características ao homem (porém em menos quantidades, visto que somos indivíduos finitos, limitados e mortais).

Do ponto de vista da filosofia de Feuerbach, o que temos aqui é uma inversão da criação: se antes o homem criava seus deuses e empregavam características suas ou sentimentos humanos neles (mesmo que inconscientemente), já a teologia cristã promove um deus que transfere suas características ao homem. Melhor dizendo: se antes o homem criava deus à sua imagem e semelhança, agora [com a teologia cristã] é o contrário.

Feuerbach percebe algo problemático nessa inversão promovida pelo cristianismo, pois ela cria e eleva um ser inexistente (deus) ao mesmo tempo em que rebaixa o homem e por consequência transforma-os em opostos:

Deus é o ser infinito; o homem o finito; deus é perfeito; o homem imperfeito; deus é eterno; o homem transitório; deus é plenipotente; o homem impotente; deus é santo; o homem pecador; deus e homem são extremos: deus é o unicamente positivo, cerne de todas as realidades; o homem é o unicamente negativo, o cerne de todas as nulidades. (FEUERBACH, 2009b, p.63).

Pode-se perceber que a inversão do papel homem-deus tira (ou transfere) as virtudes essenciais humanas e as transporta para um ser imaginário e criado que nada mais é do que o próprio homem universalizado e abstraído de suas deficiências. A consequência negativa desse fato é que o cristão passa a negar sua própria humanidade, é como se ele se identificasse tanto com esse deus que sua maior pretensão agora é *ser* esse deus, ser infinito e para que isso aconteça, deve negar a sua própria humanidade, a própria materialidade.

A partir daí, tudo o que é “humano, demasiado humano” passa a ser praticamente abominado, tudo aquilo que é carnal e material passa a ocupar um nível inferior com relação ao que é celestial. O crente doutrinado passa a abominar o sexo e tudo o que está ligado à sexualidade, à sensualidade, ao corpo, etc.; passa a negar suas

¹⁰ “Ato” no sentido aristotélico, ou seja, que não tem potências ou devires, está completo.

próprias necessidades físicas e psicológicas, em suma, passa a ser um asceta que se retira do mundo com fins de se tornar um santo cristão. Em poucas palavras: o cristianismo abomina tudo o que é finito, concreto e carnal.

A própria doutrina cristã cindirá o mundo em dois: de um lado o celestial perfeito e do outro o carnal imperfeito. Dessa forma, acabará por fazer o crente decidir por esse novo mundo imaginário, que será mais plausível a partir de artifícios ilusórios que tornarão seus adeptos mais distantes do mundo real. A própria fé cristã é um dos princípios que fundamentam a religião e um dos maiores exemplos de como se nega o mundo e a humanidade. Por conta da fé, o cristão reza, a oração é o pedido do impossível, é a crença no que não acontece naturalmente. A conclusão da oração é o milagre, e o milagre nada mais é que “um desejo sobrenatural realizado”¹¹.

O homem exclui de si o mundo e com ele todas as ideias da causalidade, dependência e da triste necessidade; ele transforma os seus desejos, os interesses do seu coração em objetos do ser independente, plenipotente e absoluto, i.e., ele os afirma ilimitadamente. (FEUERBACH, 2009b, p.139)

O papel da fé é o de transportar o homem para fora das limitações do mundo e de si mesmo; através dela consegue-se extrapolar o que a própria racionalidade e o mundo negam.

A fé não se restringe à concepção de um mundo, de um universo, de uma necessidade. Para a fé existe apenas Deus, i.e., a subjetividade ilimitada. (FEUERBACH, L., 2009², p.143)

Mas por que se separar do mundo, se estamos dentro dele? Pela crença na “imortalidade pessoal”. Segundo a tradição, deus cria os homens para que sejam infinitos, o mundo em que vivemos é uma passagem, uma provação para sermos julgados e finalmente entrarmos no paraíso. Aqui se funda um dos maiores dogmas cristãos e por conseguinte um dos mais complexos; quem crê nesse princípio não precisará viver de fato nesse mundo, negará a própria natureza e a própria humanidade pois se sentirá aprisionado a elas e não parte delas.

A vida deste mundo é a vida obscura, incompreensível, que só se tornará clara no além; aqui eu sou um ser mascarado, complicado; lá cai a máscara: lá eu sou o que sou na verdade. (FEUERBACH, 2009b, p.185)

¹¹ FEUERBACH, L. *A essência do cristianismo*. 1ª ed. Vozes, 2009², p. 144.

Portanto, o que se defende aqui é que o cristianismo – além de criar uma moral forçada que o vê o bem como um meio (de chegar à vida eterna no paraíso) e não como um fim – nega a essência propriamente humana, sufocando o homem com vistas a um ser imaginário. O mesmo caso acontece com a visão cristã de mundo: nega-se a natureza, pois esta está subordinada a um ser mais universal. É necessário dizermos que, como é patente, a ideologia cristã não se limita apenas a seus adeptos. A relevância da crítica a essa religião se dá justamente pelo fato de que a maioria de seus dogmas e crenças se naturalizaram e enraizaram no pensamento ocidental.

A ideia de um deus criador de todo o universo rebaixa a natureza para um *status* de criação e, sendo assim, fica subjugada à vontade divina. A própria natureza, o próprio mundo em que vivemos é um castigo divino (é para onde viemos quando Adão e Eva foram expulsos do Éden); diante disso, a natureza é uma escada para o paraíso, sua imperfeição representa uma provação. Ao mesmo tempo ela [a natureza] é um presente dado ao homem (a meta da criação divina), criada pela suma vontade de deus. Com a fé no milagre e através do poder de deus o homem consegue alterar suas leis [da natureza], seu funcionamento, destruí-la e recondicioná-la, pois ela não é um ser autônomo, tudo aqui depende do poder divino. A própria Bíblia mostra casos como o episódio de “Jonas e a baleia”, “Abraão”, “a divisão do mar em dois por Moisés”, “a multiplicação do pão”, “a transformação da água em vinho”, “Jesus andando sobre as águas”, etc.

A natureza para Feuerbach não pode ser explicada a partir da criação divina, pois não há lógica em se gerar algo material a partir da arbitrariedade ou abstração. Portanto a natureza como tal, não é explicada por pensamentos, ela é em si mesma, e ainda, é a base da existência e de tudo que é racional. Para Feuerbach, a natureza é causa, incriada, base de toda a vida, não precisa de um deus ou mesmo do homem para existir, pois age por suas próprias leis, independente da vontade humana e/ou divina.

A natureza é, em primeira linha, uma verdade dada aos sentidos. Como objeto dos sentidos, ela não é um produto nem da atividade de um puro eu, do desenvolvimento do espírito, nem do ato arbitrário de um Deus fictício, sobrenatural mas pelo contrario, uma essência autônoma que existe independente da consciência humana [...] a natureza é incriada, eterna, não deduzível; ela é em si mesmo, existe apenas por si e não por meio de outra essência [...] a natureza é necessária. Porque ela é, é ela necessária, e exatamente assim como ela é, isto é, correspondendo às suas próprias leis. Se, a saber, tudo o

que é, é necessariamente por meio da natureza, assim não tem sentido aceitar um espírito ou Deus criador que planeja para o esclarecimento da natureza e por fim, [...] a natureza corresponde apenas a si mesma. (CHAGAS, 2009, p.41-42).

Como se pode perceber, a natureza e a própria humanidade é rebaixada à criação e à vontade de um ser ilusório; o homem cristão não precisará depender da natureza (e nem de si próprio) pois agora depende única e exclusivamente da vontade do deus cristão e de sua fé.

O projeto da filosofia para o homem do futuro

Quando lemos os escritos de Feuerbach, percebemos que a questão humana é um fio condutor em sua obra. Por isso, é raso limitar a filosofia feuerbachiana a um simples ateísmo. A intenção da filosofia do autor não é apenas a de acabar com a religião ou matar os deuses, há algo mais importante: a ascensão do homem. Uma das maiores propostas feuerbachianas é a de valorizar o gênero humano e conscientizar-nos das nossas potências e virtudes. A maioria das religiões – e mais visivelmente o cristianismo – deturpa a ideia de homem e inverte suas qualidades transferindo-as para outro ser. Em contraposição a isto, a proposta de Feuerbach é inverter a inversão, fazer uma filosofia do homem, voltada para o próprio homem.

Como consequência a isso dar-se-á a própria emancipação humana, que por mais penosa que possa ser, torna-se necessária.

É melhor sofrer do que agir, é mais agradável ser libertado e redimido por um outro do que libertar-se a si mesmo, é mais agradável fazer depender a própria salvação de uma outra pessoa do que da força da própria atividade [...] é muito mais cômodo refletir-se nos olhos fulgurantes de amor de um outro ser pessoal do que no espelho oco do próprio Eu ou do que contemplar a fria profundidade do oceano tranquilo da natureza. (FEUERBACH, 2009b, p. 154)

Ou seja, apesar de ser mais fácil ser passivo ao mundo e às suas contradições, apesar de ser mais cômodo agarrar-se à outro ser, a independência e a liberdade são imprescindíveis. Só através do reconhecimento do homem como um ser livre de representações especulativas e metafísicas é que ele poderá valorizar seu próprio gênero e se reconhecer como parte da natureza e do mundo material.

A partir disso, Feuerbach pensa como deve ser a “filosofia do futuro”:

A nova filosofia faz do homem, com a inclusão da natureza, enquanto base do homem, o objeto único, universal e supremo da filosofia – faz, pois, da antropologia, com inclusão da fisiologia, a ciência universal. (FEUERBACH, 1987, p.97)

E defende que a nova filosofia tem a tarefa

de reconduzir a filosofia do reino das “almas penadas” para o reino das almas encarnadas, das almas vivas; de a fazer descer da beatitude de um pensamento divino e sem necessidades para a miséria humana. Para esse fim de nada mais precisa do que de um entendimento humano e de uma linguagem humana. (FEUERBACH, 1987, p. 38)

Portanto, a nova filosofia funda-se no homem, tem por meta a vontade humana, porém de acordo com os limites e com base na natureza. Mas só podemos pensar nisso quando atingimos a totalidade da essência humana: a sensibilidade e a razão. Só nos interessa aqui o que é sensível e racional, sempre unidos. Para Feuerbach:

a nova filosofia começa com a proposição: sou um ser real, um ser sensível; sim, o corpo na sua totalidade é o meu eu, a minha essência. [...] o filósofo novo pensa em consonância com os sentidos. (FEUERBACH, 1987, p. 82)

E ainda: “A nova filosofia, relativamente à sua base, nada mais é do que a essência do sentimento elevada à consciência” (FEUERBACH, 1987, p.81).

Dessa forma, não haverá aqui quimeras (ir)racionais, seres suprassensíveis e sobrenaturais; uma filosofia que se funda nos sentidos derruba, por princípio, todos os véus impostos ao pensamento e desvela o que se pode tomar por verdadeiro: o homem concreto, real, sensível, de necessidade,

não o eu, não o espírito absoluto, isto é, abstrato, numa palavra, não a razão por si só [...] [a nova filosofia] apóia-se, sem dúvida, também na razão, mas na razão cuja essência é o ser humano; por conseguinte não numa razão sem ser, sem cor e sem nome, mas na razão impregnada com o sangue do homem. (FEUERBACH, p.93-94)

É interessante notar que não se trata aqui apenas do “eu”, mas do “eu” em consonância com o “tu”; o homem só se realiza na comunidade e ainda, na natureza.

A partir da emancipação humana, tem-se na natureza o reconhecimento da vida, só a natureza é capaz de gerar, de manter e de acabar com a vida; em suma, a natureza é cerne de toda a vida, sendo assim deve ser reconhecida e preservada como tal.

Portanto, fica claro como a religião deturpa o próprio significado de humanidade, sua origem baseada no medo e na dependência foram erros advindos da inocência e ingenuidade humana que se desenvolveram a níveis absurdos ao ponto de negar o que há de mais próprio na humanidade, tirando suas virtudes e criando seres sobrenaturais. Feuerbach admite que é próprio da essência humana ter religião, esse é o primeiro contato que o homem tem consigo mesmo, porém é papel da filosofia conscientizar que o que se chama de deus, deve ser chamado de homem. Dessa forma, não se trata somente de destruir a religião e tudo o que a envolve, mas de construir uma vida voltada ao próprio gênero humano, às próprias relações sociais, ao reconhecimento de si mesmo e do outro como semelhante, em suma, uma vida pautada na humanidade com sua base voltada à natureza. O reconhecimento da imperfeição do mundo e da naturalidade da finitude trará o homem de volta ao próprio mundo, fará com que ele viva essa vida, supere qualquer ilusão de um além. Essa tarefa proposta por Feuerbach é um desafio a todos os filósofos e homens do futuro.

Referências

- FEUERBACH, L. *Preleções sobre a essência da religião*. Tradução de José da Silva Brandão. Rio de Janeiro: Vozes, 2009¹.
- _____. *A essência do cristianismo*. Tradução de José da Silva Brandão. Rio de Janeiro: Vozes, 2009².
- _____. *Princípios da filosofia do futuro*. Tradução de Artur Mourão; Lisboa: Edições 70, 1987.
- CHAGAS, E. F. O homem como imagem de Deus ou Deus como imagem do homem in: Ercilia Maria Braga de Olinda. (Org.). *Formação humana: Liberdade e Historicidade*. Fortaleza: Edições UFC, 2004.
- _____. A majestade da natureza em Ludwig Feuerbach. In: Eduardo F. Chagas, Deyve Redson, Marcio Gimenes de Paula. (Org.). *Homem e Natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza: Edições UFC, 2009.